

Relatório das Escavações do Crasto do Peso

Santa Leocádia de Geraz do Lima — Viana do Castelo

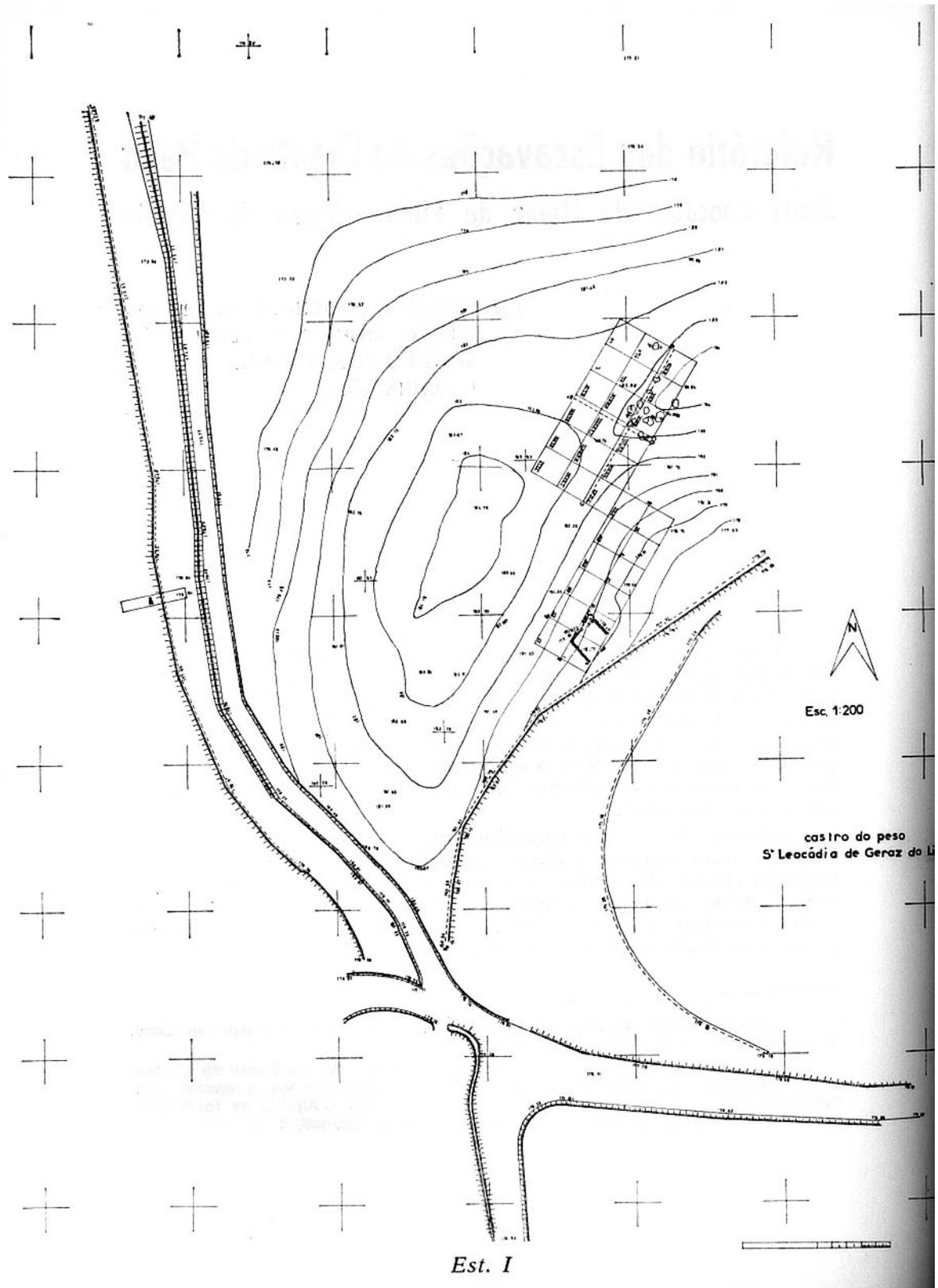
por CARLOS A. BROCHADO DE ALMEIDA
ALBERTO ANTUNES DE ABREU
ANTÓNIO JOSÉ BAPTISTA
J. CUNHA VIANA

O interesse pelo castro do Peso data, pelo menos, de 1979, altura em que as obras aí realizadas para a plantação de um pinhal puseram a descoberto uma série de cerâmicas que, pelas suas características, despertaram o interesse dos arqueólogos que, nos últimos anos, têm trabalhado na bacia do Lima. Foi a partir desses materiais que Teresa Soeiro elaborou a notícia preliminar¹ e que nós nos propusemos alargar, um pouco mais, os conhecimentos sobre este povoado².

Situa-se ele a meio caminho entre os lugares da Coutada e Ventoso, num pequeno cabeço, protegido a nascente e norte pelo pequeno ribeiro de Ventoso e a poente por um declive mais acentuado que se estende até junto do ribeiro do Lourinhal. O acesso natural encontra-se a sul, isto é, dos lados do lugar de Ventoso, situado na parte mais alta da freguesia.

¹ Teresa Soeiro, **Castro do Peso em Sta. Leocádia de Geraz do Lima**, in *Arqueologia*, n.º 3, Porto, 1981, pág. 99/102.

² Esta intervenção teve o apoio do IPPC, Câmara M. de Viana do Castelo e da Delegação do FAOJ de Viana do Castelo. Aproveitamos o ensejo para agradecermos a D. Alda Guimarães Ferreira D'Agorreira D'Alpuim as facilidades concedidas para que pudéssemos escavar nos seus terrenos.



A zona do Peso compõe-se de três pequenos cabeços, geograficamente próximos. Todos apresentam sinais de ocupação, sendo mais evidente naquele onde efectuámos a presente campanha de escavações. Idênticos vestígios são detectáveis nos campos situados junto ao ribeiro do Lourinhal. Só que, e tal como acontece nos cabeços, o terreno está profundamente revolvido pelas lavragens, não permitindo uma seriação cronológica segura, devido à ausência de estratos intactos.

Se nos campos foram os trabalhos agrícolas e, em especial, a abertura de covas para a plantação de vinha que motivou a destruição das antigas ocupações, nos cabeços foram os tractores que, ao romperem o solo para a plantação de novos pinhais, destruíram ou misturaram os poucos vestígios ainda existentes.

A escavação começou a 15 de Setembro e prolongou-se até 30 do mesmo mês. Nela participaram, para além da equipa de arqueólogos, alguns alunos da FLUP e estudantes da região, integrados num campo de trabalho do FAOJ de Viana do Castelo³.

Dos três locais passíveis de escavação, escolhemos aquele onde o acaso fizera aparecer uma razoável quantidade de cerâmica do período romano e onde se divisavam restos de uma construção em pedra⁴.

Feito o levantamento topográfico na escala 1:200 (Est. I) pelos serviços técnicos da Câmara Municipal de Viana do Castelo, o terreno foi quadriculado em quadrados de 4×4 m de modo a abarcar um largo sector da zona onde aparecia o espólio cerâmico (Est. VII, 1 e 2). Assim, enquanto os quadrados I a VI e XI a XVI pretendiam abranger a área onde o espólio de época romana parecia ser mais abundante, os quadrados XXVI a XXXa, XXXI a XLa e XLI a La foram-no na intenção de se descobrirem materiais mais antigos, como «tipo Alpiarça» ou mesmo «tipo Penha», pois fora na zona dos rochedos que haviam aparecido os estudados por Teresa Soeiro.

A vala lançada a poente tinha uma finalidade bem diversa. A análise do terreno apontava para a inexistência de defesas, o que, convenhamos, era estranho num povoado onde os vestígios castrejos estão presentes. Escolhemos o sector oriental por ser aquele que apresentava melhores condições e onde a presença de um

³ Agradecemos a colaboração dos nossos colegas, Dr.^a Maria Adelaide Recarey, Dr. Artur Jorge L. F. de Almeida e Dr. Virgílio Nuno H. Correia que executou os trabalhos de desenho presentes neste trabalho.

⁴ Teresa Soeiro, op. cit. pág. 101.

talude, na base do caminho (Est. I) apontava para possíveis construções enterradas, o que aliás se veio a confirmar.

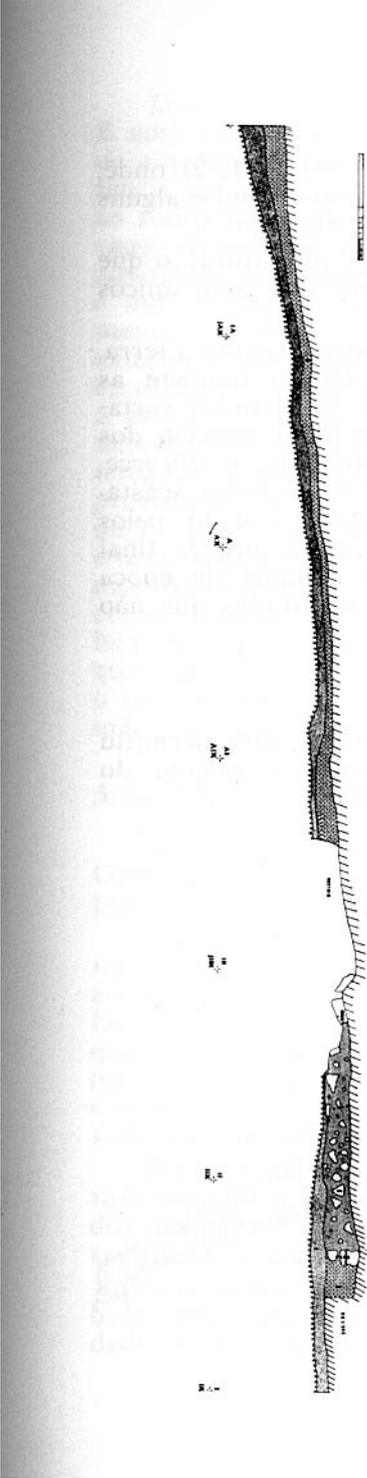
ESTATIGRAFIA

LEITURAS A-B e A' B' (Est. II)

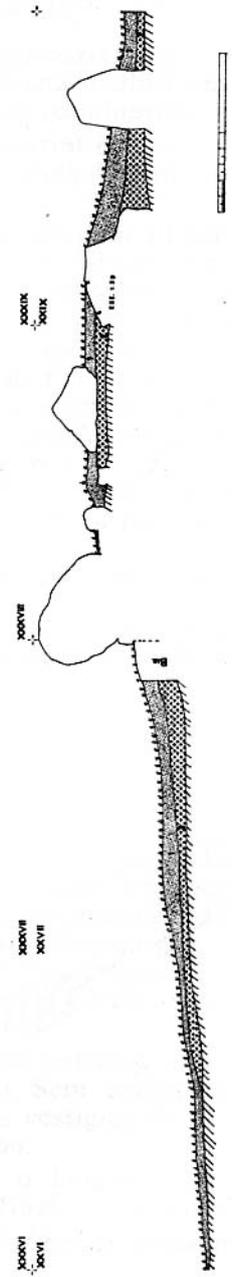
A leitura A-B foi feita na linha dos quadrados XI a XVI; a A'-B' entre os Qs. I e XI. Ambas se apresentam, como iremos ver, profundamente remexidas, não permitindo uma análise correcta.

O estrato 1 é uma camada vegetal com muitas raízes de mato e giestas e uma ou outra pedra de pequenas dimensões. Devido ao revolvimento operado pelas máquinas, aqui e ali aparecem sinais do estrato inferior e mesmo do solo natural. Falta-lhe uniformidade e está esventrado, tal como o segundo, na zona do quadrado III, sítio onde foi aberta uma das muitas covas destinadas aos novos pinheiros. O estrato 2, de terra acastanhada, entremeada aqui e ali de tonalidades amareladas, é mais o produto dos revolvimentos recentes do que, propriamente, uma camada natural. Aliás a sua textura aponta para uma formação geológica, já que na sua composição entra muito do saibro amarelado que constitui o solo natural. A comprová-lo está o enchimento da pequena bolsa, situada entre o muro do edifício e o solo natural (Q. II) e que não é mais que saibro cortado para o lançamento do muro misturado com terra da camada superior. O estrato 3, presente entre a linha divisória do Q. II/XII e o muro do edifício é o que se pode chamar o que resta da destruição da parede e respectivo suporte, bem visíveis ainda nos alicerces (Est. VIII, 2). O estrato 4, amarelado e que só aparece dentro das paredes do edifício, é o corolário da derrocada das paredes envolventes. Para além da pedra caída, há ainda bastante barro das paredes, mas não qualquer vestígio de telha ou ímbrex. Daí, perguntar-se qual o tipo de cobertura utilizada ou então admitir-se que as telhas foram retiradas para outras funções, logo que o edifício deixou de ter préstimo.

Os materiais recolhidos são, fundamentalmente, castrejos tardios (Est. VI, 8) e cerâmica comum de época romana (Est. VI, 1). No entanto também aparecem alguns fragmentos do bronze final nas camadas superiores.



Est. II



Est. III

LEITURAS C-D E C'-D' (Est. III)

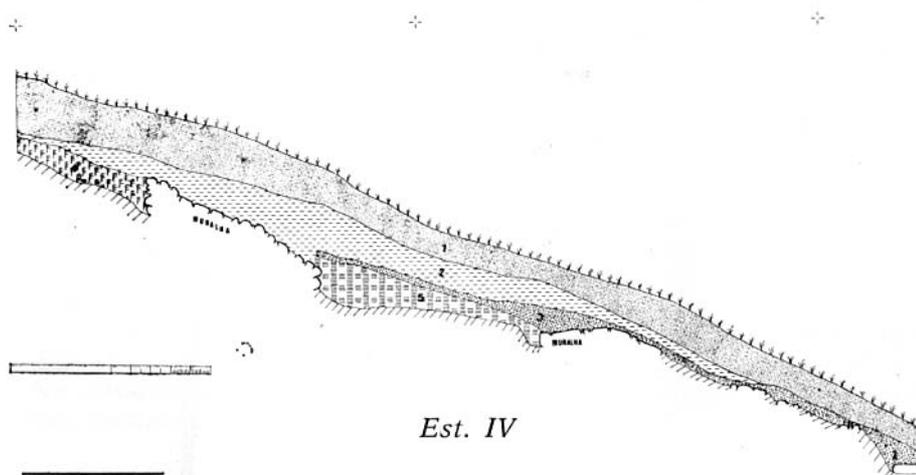
Estas foram feitas na zona dos penedos (Est. VII, 2) onde, tempos atrás, tinham aparecido cerâmicas do bronze final e alguns fragmentos aparentados com a cerâmica «tipo Alpiarça»⁵.

Também aqui o terreno estava revolvido até ao natural, o que originou, na maior parte dos casos, a mistura dos dois únicos estratos.

O estrato 1 é uma camada vegetal onde, misturadas com a terra, há raízes de giestas, de mato e fetos. Não faltam também as pedras, principalmente entre os penedos para aí atiradas certamente, a quando dos cortes de mato. Algumas delas provêm dos muros que aí existiam e dos quais resta, somente, o alicerce, muito derruído, de um deles (Est. VII, 2). O 2, de terra acastanhada com tonalidades amareladas, foi também violado pelos recentes trabalhos. Ambos forneceram cerâmicas do bronze final (Est. VI, 11, X, 1), castrejas (Est. V, 15) e comuns de época romana (Est. V, 8, 9 e 18) mas de tal modo misturadas que não permitem uma seriação segura.

LEITURA DA VALA DA MURALHA (Est. IV)

Esta leitura foi a que se revelou mais profícua, pois permitiu vislumbrar algo do sistema defensivo existente a poente do povoado.



⁵ Teresa Soeiro, op. cit.

O estrato 1, vegetal, contém bastantes raízes de giestas e mato. É uma camada espessa, o que não admira, pois o terreno, apesar de em declive, foi sustido de deslizar para o vale, devido à existência de algumas árvores. O estrato 2 é de formação posterior ao roubo das pedras da muralha dupla e, principalmente, após o saque da mais interior. É uma camada de textura fina e coloração amarelada com alguma pedra miúda na parte inferior. A camada 3 é um antigo vegetal. A cor cinzenta-escura resulta do apodrecimento de folhas e plantas. cobre integralmente a muralha mais exterior e um pouco da interior. A sua formação deriva do roubo escalonado da pedra das muralhas. A primeira a ser saqueada foi a exterior e, numa segunda fase, a interior. O estrato 4 é contemporâneo da feitura da muralha. Para além da coloração castanho-avermelhada há a destacar a presença de bastante gravalha proveniente da acção das ferramentas e de um fragmento de cerâmica cinzenta fina de tradição indígena, o que coloca a sua construção, muito possivelmente no séc. I a. C. Nesta camada detectámos alguns buracos, que, depois de limpos, demonstraram pertencer a raízes de uma pequena árvore (Est. IX, 2). O estrato 5, também de terra castanho-avermelhada é o que resta do enchimento que haveria entre as duas muralhas. É uma camada estéril. Não o são os estratos 1 e 2 com alguns fragmentos castrejos feitos à mão e à roda.

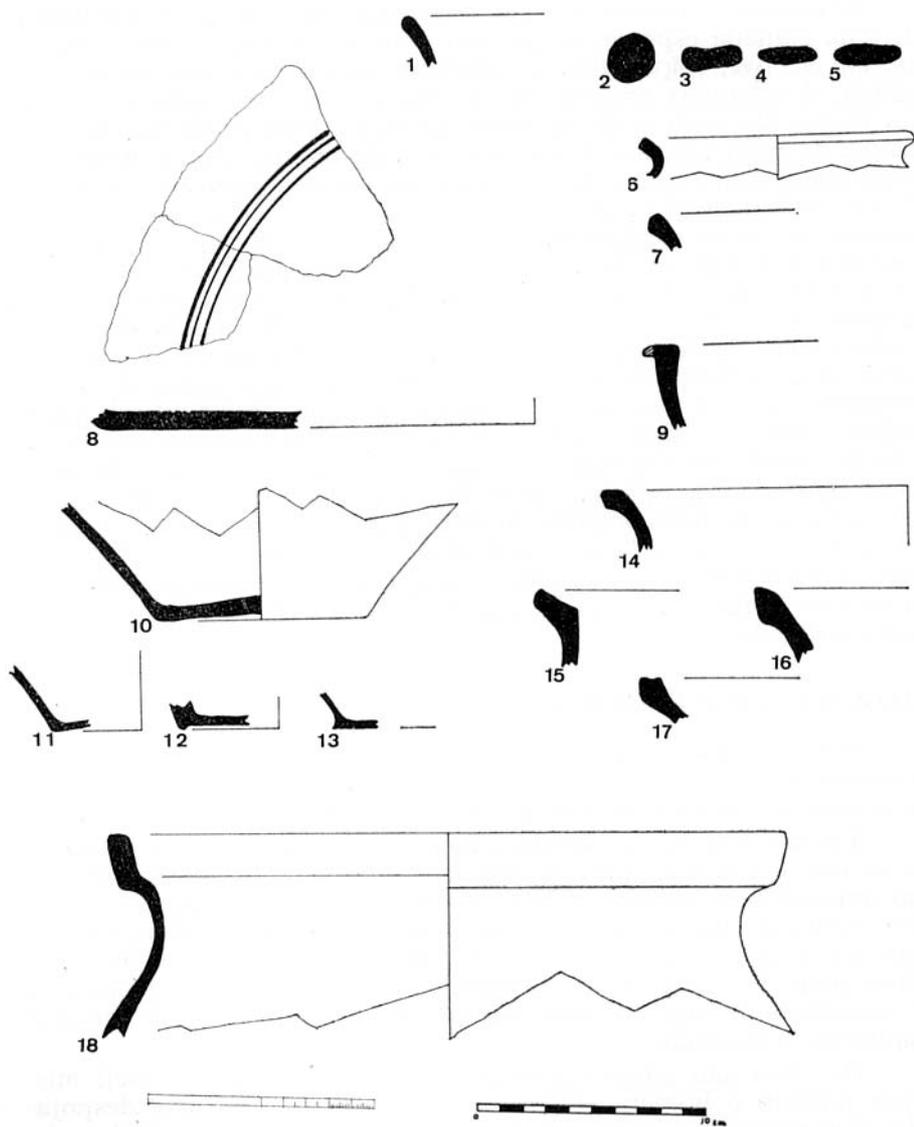
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Não podemos dizer que a escavação tenha sido um sucesso. Confessamos que esperávamos bastante mais, depois das amostras que a cerâmica recolhida em 1979 tinha deixado antever.

Tal não aconteceu, devido a factores vários. Um foi a acção de tractores e enxadas que, ao revolverem o terreno, o fizeram até ao natural, misturando os dois escassos estratos e respectivo espólio, retirando-lhe assim parte do valor cronológico. Mas, mesmo que tal acção se não tivesse realizado, duvidamos que tivéssemos mais sorte. Pesquisamos atentamente os três cabeços e o panorama é semelhante: frágil camada humosa a mal cobrir o solo natural saibrento-amarelado.

Por isso não admira a exiguidade de estratos e a fácil mistura quando o homem entrou em acção. Sem árvores e despojados das pedras das antigas habitações, os vestígios de antanho não resistiram à acção devastadora do tempo.

Não temos dúvidas em aceitar que o homem ocupou, desde bem cedo, pelo menos desde o bronze final, o cabeço agora sondado. E fê-lo, se assim se pode dizer, de forma sistemática e cer-



Castro de Peso

Est. V

tamente contínua, pelo menos até ao século I d.C. Atestam esta presença alguns fragmentos cerâmicos do bronze final, os da família «Alpiarça» ou a ela aparentada, os castrejos feitos à mão ou já profundamente romanizados e as produções comuns de época romana.

As cerâmicas da família «Alpiarça» têm uma pasta muito local, o que equivale a dizer pouco cuidada, aliada a um acabamento incipiente⁶. Bem mais frustes são as cerâmicas do bronze final (Est. VI, 11, 12, 13 e 14). A pasta é, no geral, cinzenta-escura com muito feldspato e alguma mica a servir de desengordurante. As superfícies apresentam-se muito deteioradas com os muitos grãos de feldspato a dar um tom rugoso às paredes dos vasos.

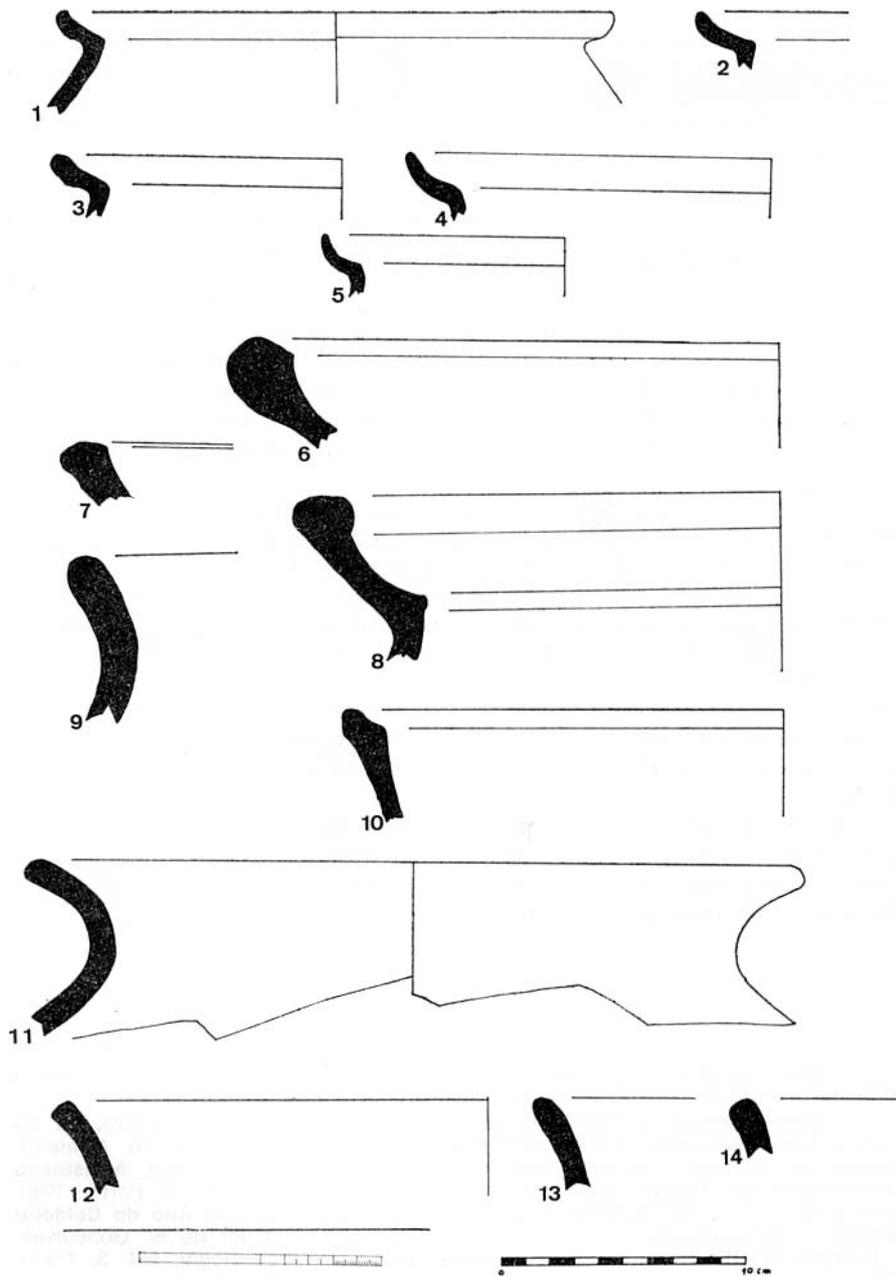
Tecnicamente, os vasos eram feitos por colagem de duas ou três camadas de pasta. As exteriores são mais apuradas, o que se compreende pois era sobre elas que incidia o alisado ou o polimento.

Nos exemplares melhor conservados predomina o alisado, mas há um ou outro fragmento com as paredes polidas, um com espatulado horizontal e dois com acabamentos diferentes. Num deles utilizou-se, na face externa, uma vassoura ou pente de dentes muito apertados que, ao ter passado horizontalmente sobre a parede do vaso, lhe deu uma decoração à base de linhas muito finas. No outro fragmento, a técnica utilizada é mais difícil de definir. A decoração, que surge logo sob o lábio, foi obtida pelo rebaixamento de largas fatias da parede, ficando levemente, mais acima uma série de linhas que, no seu conjunto, dão um ar de triangulação irregular⁷.

As produções castrejas pertencem a dois tipos distintos. A par das cerâmicas tradicionais, muito fragmentadas e na quase totalidade feitas à mão, há um conjunto de peças que, pela pasta, ainda são castrejas mas já com uma forte influência romana (Est. V, 15

⁶ São dois pequenos fragmentos de um vaso idêntico ao vaso n.º 1 publicado por Teresa Soeiro, op. cit. pág. 100.

⁷ Genericamente podemos enquadrar estas cerâmicas nas produções do bronze final peninsular e com afinidades nas estações do Alto da Caldeira, Tapado da Caldeira e Monte Calvo (Baião). Susana Oliveira Jorge, **A Estação Arqueológica do Tapado da Caldeira**, in *Portugália*, N/S, Vol. 1, Porto, 1980. Susana Oliveira Jorge, **Sondagens Arqueológicas na Estação do Alto da Caldeira (Baião)**, in *Arqueologia*, vol. 3, Porto, 1981. António A. Huet de B. Gonçalves, **A Estação Pré-Histórica do Monte Calvo — Baião**, in *Arqueologia*, vol. 3, Porto, 1981.



Est. VI

e VI, 8)⁸ e com paralelos mais ou menos análogos nas vizinhas estações de Santo Estêvão da Facha⁹ e dos castros do Eirado (Correlhã) e Beiral¹⁰.

O período romano é, de longe, o melhor representado a nível de cerâmicas. Estas são todas do tipo comum, destacando-se as produções usuais da cultura da época como os dólios (Est. V, 18 e VI, 6), as panelas, quase todas com fuligem (Est. VI, 1, 2, 3, 4 e 5), as tigelas (Est. VI, 9), os alguidares (Est. VI, 7), os pratos (Est. V, 8 e X, 2)¹¹ e as frigideiras. Deste mesmo período é o bocado de um bordo de taça em vidro.

O único edifício descoberto pertence a este período. É uma construção de possível formato quadrangular e à qual falta a parede do lado nascente (Est. VIII e IX, 1). Devido ao declive do terreno, o local de implantação foi rebaixado de molde a permitir uma área interior mais ou menos plana. Do lado ocidental, isto é, do lado do quadrado XI, o muro foi reforçado com uma série de pedras que, para além de darem maior solidez à construção, obstavam ao deslizar das terras mais elevadas para a base do muro e sua consequente destruição (Est. VIII, 2). Embora bastante danificado e recentemente violado, a técnica de construção já obedece a esquemas romanizantes. A parede é dupla, utilizando pedras em geral de formato médio e razoavelmente aparelhadas. Se os ângulos interiores são rectos, os exteriores são arredondados (Est. VIII, 1 e 2), a denotar um certo arcaísmo. A frusticidade no picado da pedra explica-se pela razão de as paredes estarem rebocadas com argamassa que depois era pintada. É, pelo menos, o que sugerem os restos de calça avermelhada presente em algumas das pedras que compõem a parede exterior norte (Est. VIII, 2)¹².

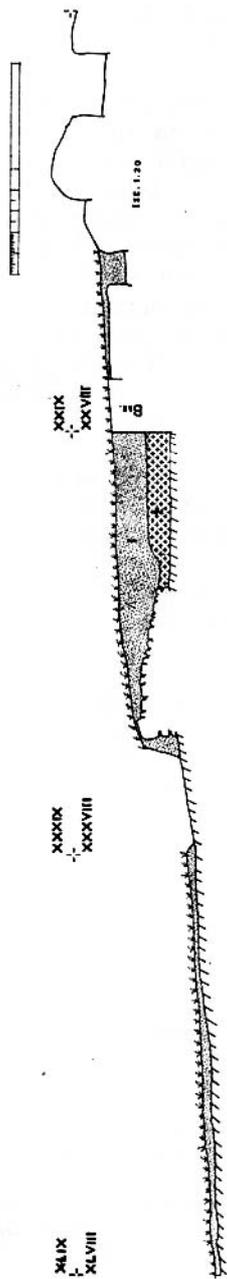
⁸ Pertencem ao mesmo ambiente cultural que os vasos publicados por Teresa Soeiro, op. cit. pág. 100.

⁹ Carlos A. Ferreira de Almeida, Teresa Soeiro, Carlos A. Brochado de Almeida, António José Baptista, **Escavações Arqueológicas em Santo Estêvão da Facha**, Sep. do Arquivo de Ponte de Lima, vol. 3, Ponte de Lima, 1981.

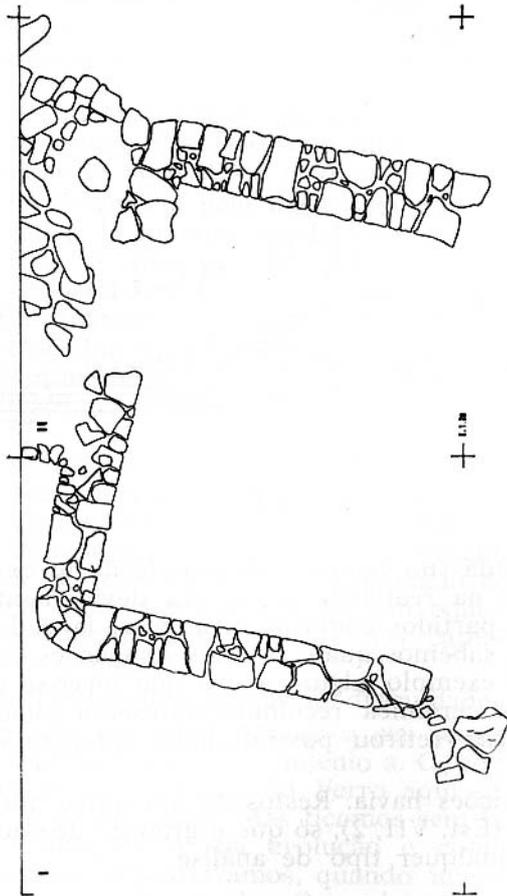
¹⁰ Os relatórios destas duas estações arqueológicas serão publicados em breve.

¹¹ O prato decorado com 3 estrias no fundo interior tem paralelos na Forma 15 de Mercedes Vegas, **Cerâmica Comum Romana del Mediterrâneo Occidental**, Barcelona, 1973.

¹² Duas destas pedras foram retiradas para o Museu Municipal de Viana do Castelo onde será depositado o restante espólio. Sinais de reboco e pintura há, por exemplo, no castro do Monte Mozinho.



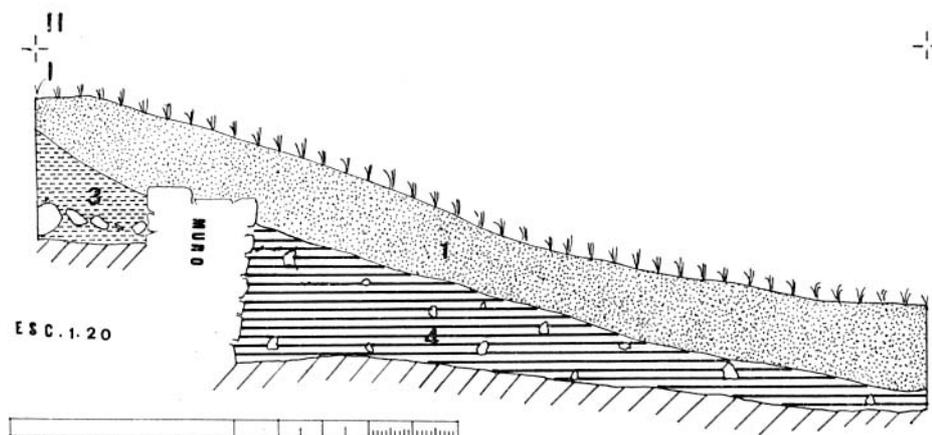
Est. VII



Est. VIII

Qual a sua função? Casa de habitação?

O chão interior é o solo natural aplanado. Não há sinais de pisos à moda castreja, nem restos de lareiras ou de qualquer outra actividade doméstica. Se a ausência de tégulas e ímbrices se pode explicar pelo retirar da cobertura na altura em que a casa deixou de ser habitada, o mesmo se não poderá dizer da ausência, quase total, de cerâmicas de mesa e cozinha no interior. Pelo contrário,



Est. IX

aparecem aglomeradas no exterior, da parede norte como a sugerir que a casa, se na realidade o foi, era devidamente varrida, sendo os objectos partidos como as cerâmicas, lançados no exterior. Também não sabemos quais as reais dimensões do edifício¹³ ou se haveria, por exemplo, algum anexo que servisse de cozinha. É que alguma da cerâmica recolhida apresenta sinais de fuligem, mas a violação retirou possibilidades interpretativas mais seguras¹⁴.

Outras construções havia. Restos de um outro muro está no quadrado XXVIII (Est. VII, 2), só que o grau de degradação é tal, que não permite qualquer tipo de análise.

¹³ Escassos metros para Este aparecem os primeiros socalcos e os primeiros terrenos de cultivo. Certamente que o povoado ocupou parte destes campos.

¹⁴ Os vasos n.º 5, 6, 7 e 8 publicados por Teresa Soeiro saíram deste sítio.

Tirando estes dois exemplos, outros testemunhos não encontramos. Mas a explicação é, neste caso, palpável. Cedo a pedra da muralha e das habitações foi saqueada e levada para a construção de casas e dos taludes que sustentam os campos vizinhos. Depois, nunca uma forte camada humosa cobriu os restos das construções de molde a escondê-los dos habitantes circunvizinhos. Para isso, eram precisas muitas árvores e estas, por contrárias à economia pastoril que durante largos tempos imperou na região, não cresciam em quantidades suficientes. A erosão, aliada ao desmantelamento, fez o resto. Retiradas as pedras, o caminho ficou livre às enxurradas que arrastaram para as zonas mais baixas muito do espólio cerâmico. Por isso, não admira que ele apareça um pouco a esmo pelas vertentes e terrenos do sopé dos cabeços.

O sistema defensivo, pelo menos na parte final da ocupação castreja — inícios da romana, incluía uma muralha dupla, hoje só palpável a nível de alicerces (Est. IX, 2). A sua construção deve ter ocorrido no séc. I a. C., pois a nível de alicerces recolhemos um pequeno fragmento cerâmico de pasta acastanhada, algo porosa, coberta com um engobe de coloração cinzenta-escura de bastante boa qualidade¹⁵. A sul, para além da muralha, deveria haver igualmente um fosso, hoje transformado em caminho público.

Difícil, se não mesmo impossível, se torna apontar quais as áreas que cada cultura ocupou no cabeço. O habitat do bronze final parece circunscrever-se à zona dos penedos (Est. VII, 2) onde foram recolhidos a grande maioria dos fragmentos cerâmicos atribuíveis a este período. O espólio relacionado com a cultura castreja e com a época romana aparece um pouco por toda a área do cabeço, estando mesmo presente nos campos que marginam o ribeiro do Lourinhal.

Quanto à cronologia também as dificuldades são grandes.

Sabemos que o cabeço começa a ser ocupado, muito provavelmente, nos primórdios do 1.º milénio a. C., se não mesmo antes; sabemos que povos da Idade do Ferro aqui se instalaram, bem como povos já romanizados. Mas ficamos sem saber qual a extensão dessas ocupações, a sua evolução e como se articulavam. As esperanças que depositávamos, quando iniciámos a escavação, saíram, por assim dizer, goradas. O revolvimento dos poucos estra-

¹⁵ É um tipo de cerâmica que podemos incluir nas cinzentas finas de tradição indígena de Conímbriga. Cfr. Jorge de Alarcão, **Cerâmica Comum Local e Regional de Conímbriga**, Coimbra, 1974, pág. 58/63.

tos e a inexistência quase total de construções tirou-nos a possibilidade de podermos fazer um pouco de luz no espaço cronológico ainda muito mal conhecido e que medeia entre o Bronze final e o início da Idade do Ferro, período de formação da «Cultura Castreja».

CATÁLOGO

MATERIAIS DO BRONZE FINAL

- Pote (frag. de bordo). Bordo extrovertido em curva fechada com os ombros e lábio boleado. Pasta acastanhada, compacta e com abundância de feldspato de calibre pequeno e grande. Superfícies acastanhadas com restos de polimento.
PS83, XXX 2. Est. VI, 11
- Frag. de bordo de vaso. Bordo a tender para o extrovertido. Fabrico semelhante ao anterior. Sinais de fuligem.
PS83 XLa 1. Est. VI, 12
- Frag. de bordo de vaso. Bordo extrovertido, lábio boleado. Pasta cinzenta-escura, pouco compacta com feldspato de grande calibre. Superfícies castanhas, rudimentarmente alisadas. Sinais de fuligem.
PS83 XL 2. Est. VI, 13
- Frag. de bordo de vaso. Bordo extrovertido. Fabrico semelhante ao anterior. Sinais de fuligem.
PS83 XL 2. Est. VI, 14

MATERIAIS CASTREJOS TARDIOS, E COMUNS DE ÉPOCA ROMANA

- Pote. Bordo soerguido, aplanado em vertente para o interior e rematando em aresta. Pasta acastanhada, compacta e com bastantes paletas de mica. Superfícies castanho-avermelhadas, alisadas.
PS83 XL 2. Est. V, 15
- Dólio. Bordo extrovertido com lábio espessado internamente; parede interna do bordo separada da do colo por ressalto. Pasta cinzenta, compacta, com muitas paletas de mica. Superfícies castanho-avermelhadas, bem alisadas.
PS83 I 4. Est. VI, 8

- Frag. de bordo. Bordo extrovertido, lábio boleado. Pasta rosada, pouco compacta, friável, paletas de mica. Superfícies rosadas, alisadas.
PS83 VI 2. Est. V, 1
- Potinho. Bordo extrovertido com lábio em esquadria. Pasta acinzentada, pouco compacta com desengordurante quartzítico de calibre médio. Superfícies cinzentas, alisadas, sinais de fuligem.
PS83 XXXIX 1. Est. V, 6
- Frag. de bordo de pequeno vaso. Bordo extrovertido, espessado. Pasta castanho-acinzentada, compacta e arenosa. Superfícies castanho-avermelhadas, alisadas, sinais de fuligem.
PS83 XXXIX 1. Est. V, 7
- Prato. Fundo plano. Pasta creme, compacta com pequenos grãos quartzíticos. Superfície interna com restos de engobe tipo vermelho pompeiano e decorada com três círculos concêntricos.
PS83 XL 1. Est. V, 8
- Tigela. Bordo horizontal, aplanado, lábio destruído. Pasta cinzenta, compacta, com pequenas partículas quartzíticas. Superfície exterior revestida com uma espécie de engobe esbranquiçado, muito deteriorado e a interior coberta com uma aguada avermelhada, bem visível, na parte superior do bordo.
PS83 XL 1. Est. V, 9
- Fundo de vaso, côncavo. Pasta compacta, cinzenta-clara, com alguns grãos de quartzo. Superfícies amarelo-rosadas, mal alisadas, sendo visíveis as estrias deixadas pelo uso do trapo.
PS83 XXXIX 1. Est. V, 10
- Fundo de vaso, côncavo. Pasta pouco compacta, negra, com grãos de quartzo de médio calibre. Superfícies alaranjadas, alisadas.
PS83 XXXIX 1. Est. V, 11
- Fundo de vaso, plano, provido de pequeno ressalto a servir de pé. Pasta pouco compacta, cinzenta-escura, com algum desengordurante quartzítico. Superfície externa alaranjada, mal alisada.
PS83 XXXIX 1. Est. V, 12
- Fundo de vaso, plano com leve reforço exterior. Pasta cinzenta, compacta, com grãos de quartzo de calibre médio. Superfícies alaranjadas, alisamento rudimentar.
PS83 XXXIX 1. Est. V, 13

- Pote. Bordo horizontal, lábio ligeiramente aplanado. Pasta cinzenta com muito desengordurante quartzítico. Superfícies amareladas, alisadas rudimentarmente (em muito mau estado de conservação).
PS83 XL 1. Est. V, 14
- Bordo de vaso, extrovertido, com espessamento exterior formando arestas. Pasta rosada, friável, com alguns grãos de desengordurante quartzítico. Superfície alaranjada, alisada.
PS83 XXVIII 1. Est. V, 16
- Bordo de vaso, extrovertido e arredondado na parte exterior; lábio com pequena canelura na parte superior. Pasta castanho-clara, friável, com desengordurante quartzítico de pequeno calibre. Superfícies acastanhadas, mal alisadas.
PS83 XL 1. Est. V, 17
- Cântaro. Bordo recto inflectindo em ângulo, marcado por aresta, lábio boleado; ombros e colo em curva suave. Pasta acinzentada, boa cozedura. Superfícies amarelo-alaranjadas; a interna foi deixada em bruto, a exterior alisada de forma mais cuidada nos ombros e colo em que o acabamento é perfeito, mas descuidado sobre o bordo.
PS83 XXXIX 1. Est. V, 18
- Panela. Bordo extrovertido, levemente soerguido, inflectindo em ângulo com o colo e formando concavidade na face interna; lábio boleado. Pasta cinzenta, pouco compacta e com grãos de quartzo de calibre pequeno e médio. Superfícies acinzentadas, alisadas e com fuligem.
PS83 XXXIX 1. Est. VI, 1
- Panela. Bordo extrovertido e levemente soerguido, inflectindo em ângulo com o colo e formando concavidade na face interna; lábio boleado. Pasta cinzenta-escura, pouco compacta, friável, e arenosa. Superfícies alaranjadas, alisadas e com fuligem.
PS83 XXXIX 1. Est. VI, 2
- Panela. Forma e acabamento semelhante ao anterior. Pasta compacta, acastanhada, com grãos de quartzo de pequeno calibre; sinais de fuligem.
PS83 XL 1. Est. VI, 3
- Panela. Forma e acabamento semelhante ao anterior; sinais de fuligem.
PS83 XXXIX 2. Est. VI, 4

- Panela. Forma e acabamento semelhante ao anterior; sinais de fuligem.
PS83 XXXIX 2. Est. VI, 5
- Dólio. Bordo espessado externamente, arredondado, marcado com uma aresta na face interna. Pasta compacta, acastanhada, pouco friável com alguns grãos de quartzo de pequeno calibre. Superfícies castanho-avermelhadas, alisadas.
PS83 XXVII 2. Est. VI, 6
- Alguidar. Bordo espessado externamente, arredondado, marcado na face externa com uma leve canelura. Pasta acastanhada, compacta e com grãos de quartzo de pequeno calibre. Superfícies acastanhadas, alisadas.
PS83 XXXIX 1. Est. VI, 7
- Bordo de vaso. Extrovertido, lábio boleado. Pasta cinzenta, pouco compacta, com grãos de quartzo de calibre médio e pequeno. Superfícies castanho-claras, alisadas.
PS83 XXX Vala da muralha, 1. Est. VI, 9
- Bordo de vaso. Extrovertido, lábio boleado, com pequena depressão na parte superior com ressalto para a vertente interna. Pasta compacta, castanha-clara, com alguns grãos de quartzo. Superfícies acastanhadas, alisadas.
PS83 XXXIX 1. Est. VI, 10
- Panela de asa em orelha. Pasta compacta, friável, com grãos de quartzo de calibre médio. Superfícies castanho-amareladas, alisadas e com fuligem. Muito fragmentado. Não representado.
PS83 XXXIX 1
- Asa, secção circular. Pasta compacta, cinzenta-clara, com grãos de quartzo de calibre médio. Superfície cinzenta-clara, alisada.
PS83 XXXIX 1. Est. V, 2
- Asa, secção irregular entre o rectangular e o bilobado. Pasta compacta, com grãos de pequeno calibre. Superfície castanho-alaranjada, alisada.
PS83 XXXIX 1. Est. V, 2
- Asa, secção elíptica. Pasta cinzenta, friável, alguns grãos de quartzo de pequeno calibre. Superfície amarelada e alisada.
PS83 XXX 2. Est. V, 4
- Asa, secção elíptica. Pasta compacta, cinzenta, arenosa. Superfície alaranjada, alisada.
PS83 XL 1. Est. V, 5